

ILLUSTRAÇÃO

José Joubert Chaves
EDITOR

PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL
Empreza do jornal O SÉCULO

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida
com o endereço ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 43—Lisboa

TERCEIRO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 5 DE FEVEREIRO DE 1906

NUMERO 118



REI CHRISTIANO IX DA DINAMARCA

Christiano IX, rei da Dinamarca, dos Wendos e dos Godos, duque de Slesvig, Holstein, Storman, dos Dithmarsos, de Lanenburgo e de Oldenburgo, nasceu em Gottorf a 8 de abril de 1818, contando, pois, á hora da sua morte, 88 annos incompletos.

Era filho de Guilherme, duque de Slesvig, e de Luiza, princeza de Hesse, e succedeu ao rei Frederico VII a 15 de novembro de 1863. Official-general honorario dos exercitos inglez, sueco, noruegues, austriaco e

prussiano, era tambem grão mestre da ordem do Elephante e condecorado com todas as grandes ordens europeas. Casado em 1842 com a princeza Luiza de Hesse, de quem enviuvou em 1898, estava aparentado com todas as côrtes da Europa, em virtude de successivas alianças de familia.

Sua filha Dagmar é a imperatriz viuva da Russia, Maria Feodorovna; sua filha a princeza Alexandra é a rainha de Inglaterra, imperatriz das Indias; seu filho o

principe Guilherme é o rei da Grecia, Jorge I; são seus netos o imperador Nicolau da Russia e o rei Hakon da Noruega; o principe Valdemar, seu filho, casou com a princeza Maria de Orleans; sua filha a princeza Thyra casou com Ernesto Augusto, principe da Gran-Bretanha e Irlanda, duque de Cumberland; seu filho o principe real Frederico casou com a princeza Luiza da Suecia; sua neta a princeza Ingeborg é casada com o duque de Westrogothia, principe sueco.

Chronica

As phases d'um velho relógio

Aquelle relógio da sala das arrematações do ministério da fazenda, o mesmo que parou algumas vezes no dia em que foram abertas as propostas de conversão das obrigações dos tabacos, é um velho servidor do Estado, uma velha testemunha de muitas cousas.

Talvez que esse relógio tivesse outr'ora sido regular e cumpridor, talvez que marcasse com precisão chronometrica as horas e que fizesse o desespero dos empregados da repartição, talvez que no momento em que o tiro de peça da Escola Polytechnica annunciava a hora official, elle tambem badalasse vibrantemente e certamente a sua como um ecco, como um fiel executor dos seus deveres.

Naturalmente o velho relógio vive ali desde o tempo dos empregados de manga d'alpaca, d'esses antigos empregados publicos, inconfundiveis com as suas rabonas e com os seus chapéus altos que os definiam.

Houve um tempo em que esta gente entrava na repartição a uma hora certa, depois do almoço, tomava o seu lugar á secretaria, puxava da penna sempre limpa e cuidada e curvando-se para a folha



As forças expedicionarias de infantaria 13 na parada do quartel em Villa Real na occasião da partida para Mafra



As forças expedicionarias de infantaria 13 na parada do quartel em Villa Real na occasião da partida para Mafra

do papel d'officio ia escrevendo com uma letra de traslado as communicacões para os senhores ministros com grandes floreos e muitos desejos expressos em bastardinho do que Deus guardasse suas excellencias.

Esse velho relógio, que parou duas vezes durante a arrematação como se cedesse aos olhares carregados de fluido do sr. conde de Burnay, deve ser um contemporaneo d'essa gente tão automatica, elle proprio seria um relógio invariavel.

Por essa epoca o relógio era ainda uma cousa cara; não era um objecto necessario, era uma cousa de luxo e por isso, por esses bairros da cidade, então bem limitada, as vizinhas regulavam-se pelos amanuenses.

— São nove horas, vai o Simões para a repartição... São quatro e meia, volta o Simões do ministério.

Depois vieram empregados novos, começou-se a andar á matroca. Aquelle velho relógio devia arrelhar os jovens amanuenses, alguns ainda bem meninos que traziam na sua bagagem de conhecimentos uma letra pessima e muitas idéas sobre cabula.

E então o velho relógio passou a ser para elles um tormento; aquella fleumatica precisão com que os accusava devia irrital-os e certamente, algum d'elles, como um ratoneiro que afoga um cão no momento em que lhe denuncia a presença, buscou paralisar aquelle relógio, o velho servidor do Es-

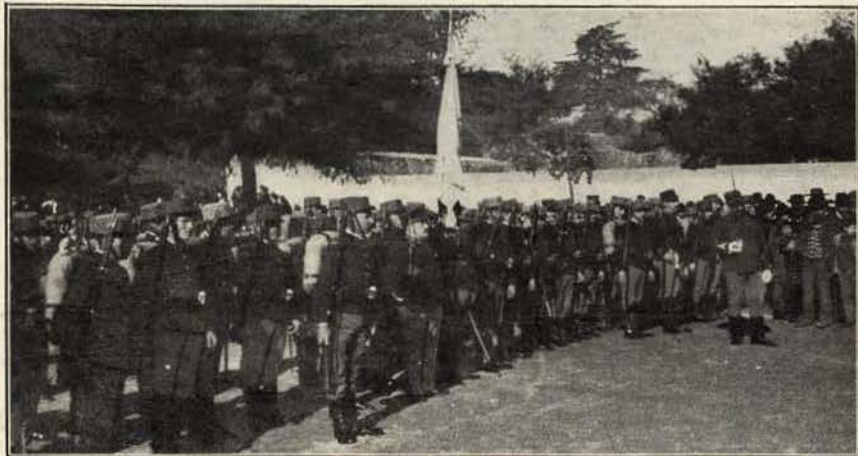
tado, o contemporaneo dos antigos empregados publicos. E então, servindo-se d'uma cadeira como diante do publico fez o continuo no dia da arrematação, empurrou o ponteiro com o dedo e atrazon-o. Outros vieram e fizeram o mesmo, o velho relógio ao começo devia ter protestado, devia ter feito um esforço para se acertar pelo tiro da Polytechnica ou pelo balão do Arsenal, devia querer conservar-se fiel ao Estado que o comprara e o collocára ali suspenso da parede para ser a vigilante sentinella dos senhores amanuenses.

Depois elles foram-o corrompendo pouco a pouco; todos os dias lhe mexiam, todos os dias o atrazaram para a entrada e o adiantaram para a saída como um bando de jovens pandegos arrastando um velho para a perdição.

E, por fim, o relógio, não podendo lutar com os endemoninhados rapazes, cedeu, fez-se seu cúmplice, quedou-se ás ordens d'elles, já sem o sentimento do dever, sendo como uma cousa arrastada, exactamente como se fosse o sr. José Luciano e os amanuenses o sr. conde de Burnay.

E por isso, com grande pasmo de toda a gente, o relógio parou n'esse dia, um continuo o fez mover de novo e d'ali a tempo elle marcava umas horas trocadas por entre as chufas dos assistentes que não sabiam quanto tem sido torturado durante annos um servidor do Estado, agora cúmplice dos que querem entrar e sair a seu bello prazer com apparencias de legalidade, quanto se tem influido sobre esse relógio protes a parar e que desde ha cincoenta annos ali está com fama de immaculado!

ROCHA MARTINS.

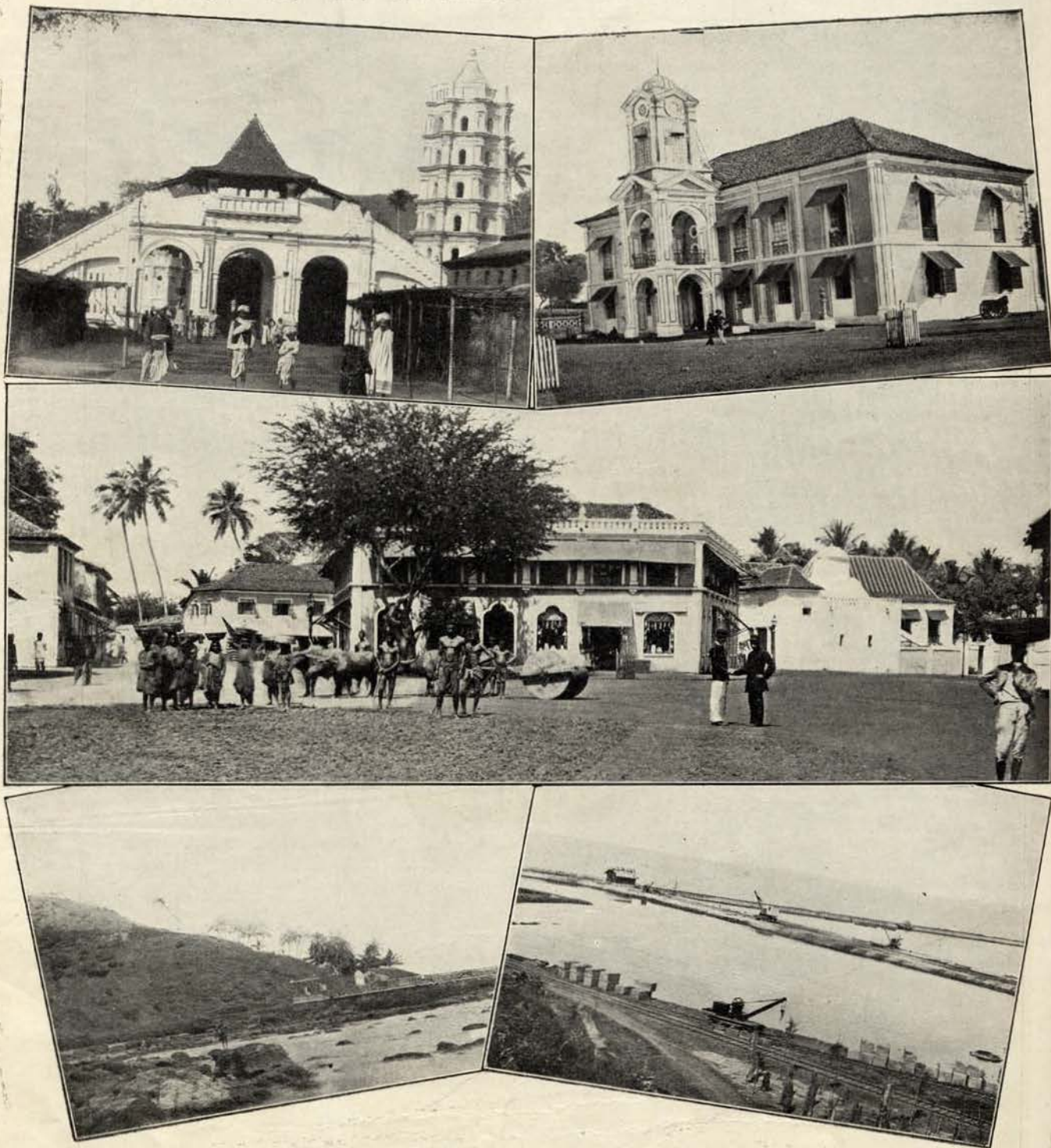


As forças expedicionarias de infantaria 13 na parada do quartel em Villa Real na occasião da partida para Mafra

Photo. do sr. Alvaro Teixeira

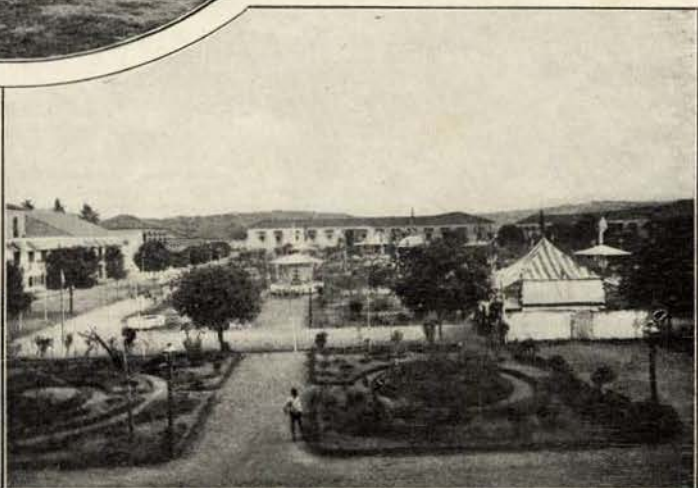
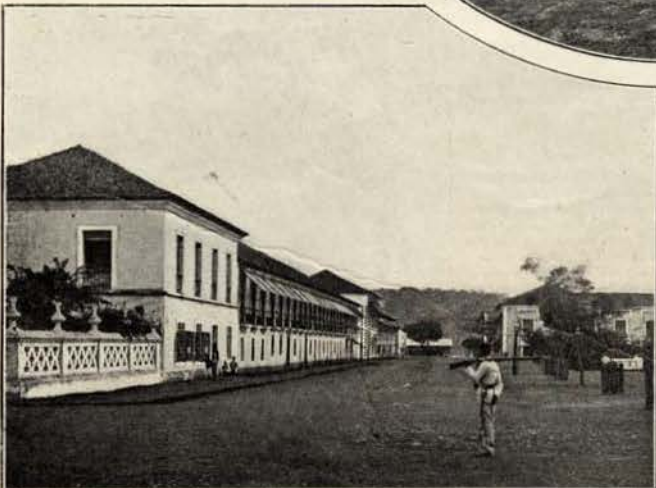
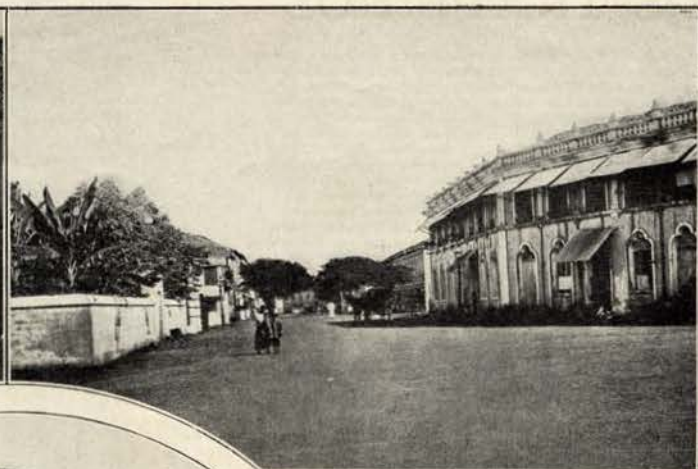


Um aspecto do Passeio da Estrella ao domingo



Aspectos da Índia Portuguesa

Pagode (templo indu) no concelho de Pondá—Pangim: Palácio da Camara Municipal—Pangim: Um largo—Fortaleza da Aguada—Mormugão: Quebramar em construção



Aspectos da Índia Portuguesa

Pangim: Quartel de infantaria—Pangim: Rua Affonso d'Albuquerque—Monumento de Affonso d'Albuquerque em Pangim
—Pangim: Rua Cunha Rivara—Pangim: Passeio publico

OS TRAPEIROS

Os trapeiros são geralmente homens e mulheres que atirados para as mais cruéis situações de miséria arranjaram um mister. Não esmolam; empregam-se e arrastam-se assim com o seu gancho e com o seu sacco pelas ruas da cidade remexendo nos caixotes do lixo.

As mulheres, quasi todas velhas, de faces encortadas, os cabellos em farrapos surgindo dos farrapos sujos que lhes envolvem as cabeças estranhas, vestidas de andrajos, calçadas de sapatos largos, toem uma maior persistencia em procurar entre o que se deita fora aquillo que pode servir á sua industria miseravel. Depois das nove horas da manhã, o trapeiro d'este genero não se vê. Somese, perde-se pelos bairros exquisitos depois de ir fazer a sua venda aos negociantes de trapo que habitam em baúcas por Alcantara, e por Alfama, que installam as suas casas de negocio em cahes mizeros onde ha montões de destreços.



Alguns trapeiros são diferentes dos que se vêem assim remexendo os caixotes pelas manhãs. São como uns pequenos negociantes do genero. Elles precorrem as ruas com os seus saccos, soltam pregões exquisitos, compram por baixo preço os trapos que se juntam em casa, e á mistura os velhos objectos inúteis e vão por sua vez vendel-os aos com merciantes por grosso d'essa especialidade.

Nas casas onde se compram os trapos ha sempre umas creaturas mizeras empregadas. Vêem-se all mulheres fazendo a escolha, collocando d'um lado a trapagem branca, do outro a de côr, escolhendo os farrapos sujos, fazendo uma obra de selecção, remexendo em toda a immundicie.

Onde se occulta toda esta gente é quasi um mysterio. Lidando com as cousas inúteis da cidade, com esses farrapos que atiram fora, com esses objectos os mais variaveis, elles são tambem como cousas que se põem de lado.

E' vel-os n'um arrastamento, de saccos vassios após a venda, guardando nas algibeiras os cobres magros que isso rende, irem tomar as suas parcas



Pequenos negociantes — A escolha em casa do trapeiro — O peso — Carregar para a fabrica — Um typo de trapeiro



refeições nas tabernorias imundas onde se janta. São os negociantes d'uma baixa mercadoria; andam á face da terra e parecem que estão abaixo do solo, enterrados, postos bem no fundo, pois n'elles mal se repara, mal se lhes dá a qualidade de homens.

Fazem um mundo á parte, tem algo de mysterioso. O trapeiro é pouco communicavel. Não conversa, rosna. Quasi sempre tem um ar retrahido n'aquella apparencia de miseravel. Bebe como para espalhar paixões. O ar frio das madrugadas leva-o a beber, a alcoolisar-se. Tem as casas certas onde vai vender o que encontra.

São pessoas que o negociante já espera a horas certas

junto das suas balanças que o trapeiro segue com olhos avidos a lamentar que o trapo pese tão pouco.

Quasi não se lhe conhece familia. Postos no extremo da sociedade, esses velhos são solitarios.

O negociante de trapo é geralmente um antigo trapeiro que arranjou uns patacos. Estabelece-se, põe-se em contacto com os antigos collegas e faz o seu negocio com as fabricas de papel onde a trapagem se utiliza. Compra tambem ferros velhos, objectos partidos, tudo quanto lhe levam e que muitas vezes elle não sabe tambem a quem ha de impingir.

E' um negocio em que nunca entram grandes capitales esse dia de venda e compra de trapo. Alguns vivem nas lojas, outros, pela tarde, fecham as portas e retiram para suas casas com o ar de quem vem do emprego. Não frequentam a sociedade dos trapeiros senão quando fazem as transacções. São a burguezia n'esse povo de obreiros famintos.

Em Alcantara, na quinta do Cabrinha, ha uma casa de venda e compra de trapo. E' um velho poço que abre para um pateo. Devia ter sido n'outro tempo um forno de cal que cobriram com um tecto. Lá dentro não se vê nada quando se apaga a pobre candeia que está suspensa da parede. Duas mulheres silenciosas e sentadas no chão fazem a escolha entre duas montanhas de trapagem.

Ha ali farrapos de todas as qualidades, mas os brancos predominam; ha o farrapo de linho que foi talvez d'um lençol de noivado, ha o de panno que serviu talvez n'alguma roupa de trabalhador, ha bocados de lã que abafaram crianças, restos de vestidos talvez arrastados nas côrtes, bocados de peitilhos onde por vezes, fulguraram brilhantes e outros que as fardas cobriram, ha, enfim, de tudo, já confuso, já sem historia, atrado para ali, para a venda em bloco.

Esses restos vão dar todos á mesma valla, quando tiverem missões diferentes no mundo, amalgamam-se, fundem-se, misturam-se, para de seguida fazerem talvez a folha de papel em que se escrevem as obras primas.

Todas essas impressões rapidas, fugidias, acodem de momento diante d'esse antro onde as mulheres vão fazendo, lentamente, a sua escolha e d'onde vem um cheiro nauseabundo de toda aquella farraparria que atravessou mil situações.

O dono da casa trata com os trapeiros, compra lhes o producto da sua gandaia, deixa que as mulheres fiquem lá dentro fazendo a sua tarefa e põe-se á porta tomando sol, fumando no cachimbo, silencioso, a vêr pastar as gallinhas. Quando vê que já tem quantidade bastante para vender, carrega um burrico com uns grandes sacos onde mette o trapo escolhido por qualidades e faz a sua venda directamente.

A's vezes as velhas trapeiras ficam um momento sentadas no portal roendo umas cordas dicras que são tambem a paga dos seus trabalhos nas inclementes manhãs d'inverno e n'essas lindas madrugadas cor de rosa da primavera em que o trapeiro, na rua, sózinho, mexendo n'um calxote sob a luz do céu, é como um borão a contrastar com tanta claridade.

Uma trapeira no pateo da casa—Tipo de trapeira



ASPECTOS DE LISBOA:—O Rocio



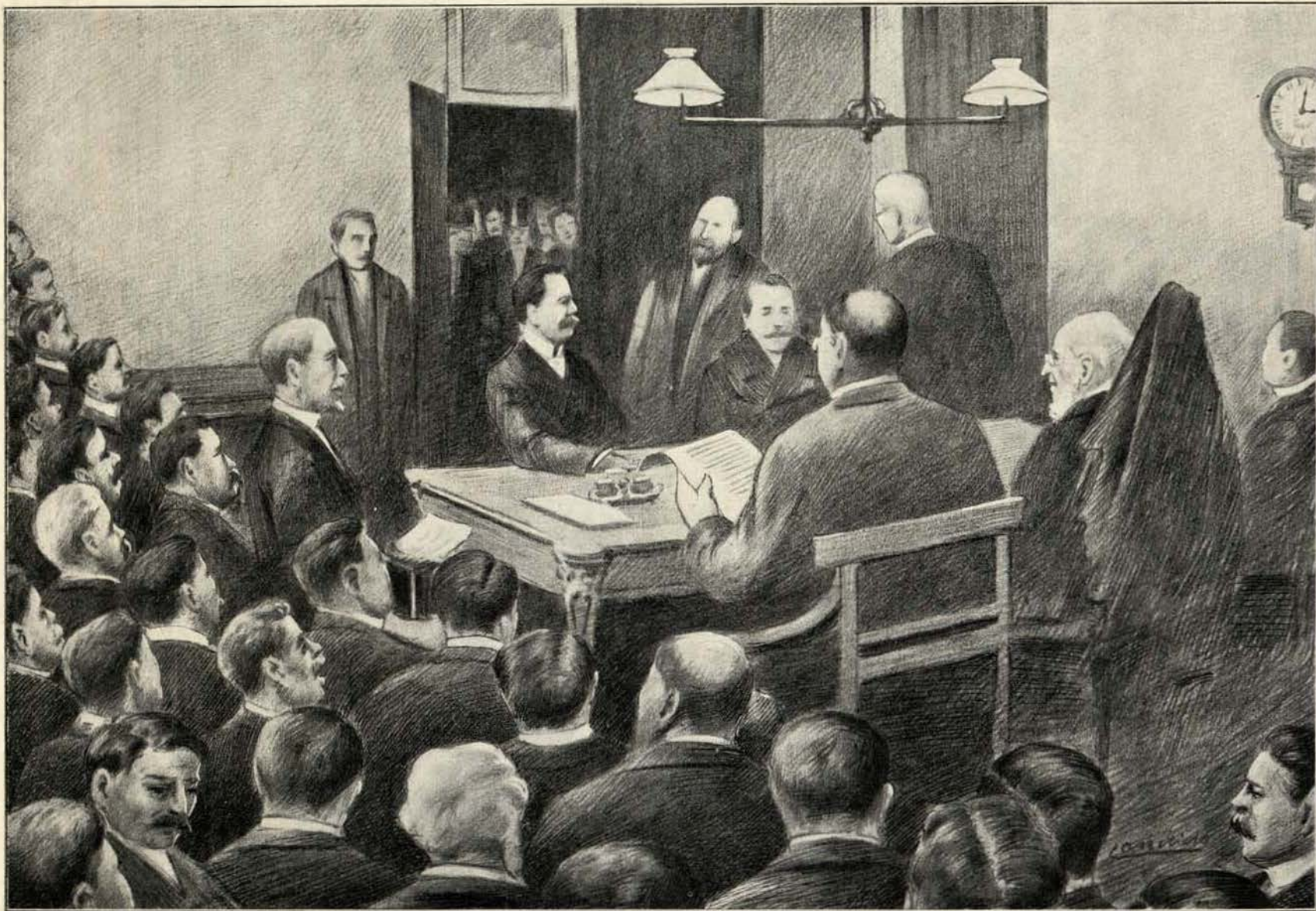
A casa do sr. dr. Barral Filipe

Machineta Luiz XV Dr. Barral Filipe - Contador Luiz XV - Contador Renascença - Um aspecto da sala Quarto de dormir



A casa do sr. dr. Barral Filippe

Gabinete de toilette—Casa de jantar—Escritorio—Outro aspecto da casa de jantar



A abertura das propostas para a conversão das obrigações dos tabacos e empréstimo de 13:500 contos, realizada em 29 de janeiro na sala das arrematações do ministério da fazenda

Concorreram com as suas propostas a Companhia dos Phosphoros e a dos Tabacos. A primeira estabelece o preço de 403 francos por obrigação aceitando todas as condições do concurso, a segunda offerece 435 francos por obrigação no caso do governo escolher o regimen dos tabacos que melhor lhe convier e 402 francos no

caso do regimen ser o do exclusivo explorado pela Companhia. Como se vê, ha um augmento de 28 francos por obrigação e de 1 franco no caso do exclusivo offerecido pela Companhia dos Phosphoros, o que é uma consideravel differença. Na sala das arrematações, além de uma grande quantidade de curiosos, encontravam-se os

deputados dissidentes e os srs. O'Neill e Manuel de Castro Guimarães, administradores da Companhia dos Phosphoros. A comissão para a abertura das propostas era composta pelos srs. conselheiros Sá Brandão, Antonio Candido, Luiz Perestrello de Vasconcellos, Moraes Carvalho, Julio de Vilhena e Gama Barros. O sr. conde

de Burnay encontrava-se dentro do recinto reservado para a comissão, o que fez levantar grandes protestos, havendo apupos que obrigaram o sr. Gama Barros a pedir ao sr. conde que saísse, vindo então para o corredor entre os gritos e a troca de todos os presentes.



A contar do dia 26 de fevereiro a

A *Illustração Portuguesa* terá em cada numero uma capa colorida e de composição original, relativa a um dos grandes acontecimentos da semana.

A *Illustração Portuguesa* terá semanalmente o minimo de 32 paginas de texto profusamente illustrado.

A *Illustração Portuguesa* será a mais variada e palpitante revista dos acontecimentos mundanos, politicos, litterarios e artisticos, verda deiro *magazine* semanal onde ficarão archivados, pela photographia, pelo desenho, pelo *interview* e pela descripção e reportagem litterarias, todos os aspectos da vida portugueza contemporanea.

A *Illustração Portuguesa* constituirá a mais documentada e minuciosa historia dos actuaes costumes portuguezes, nas suas multiplos feições, abrangendo na sua apreciação todas as classes sociaes e procurando quanto possivel acompanhar de perto as variadissimas manifestações do talento, da sciencia, da arte, da energia, da iniciativa e do trabalho nacional.

A *Illustração Portuguesa* abrirá amplamente as suas columnas a collaboração de todos os seus leitores que lhe traçam o subsidio de uma idéa nova e original, de into-

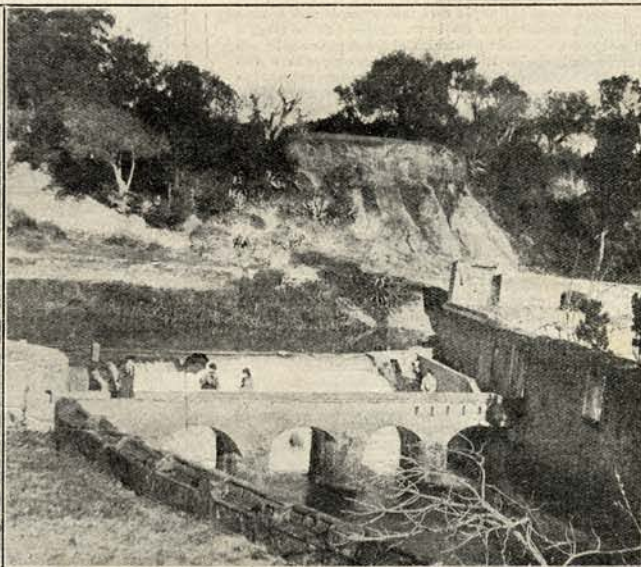
ressantes documentos graphicos ou litterarios, e promoverá frequentes concursos de photographia, de desenho, de monographias regionaes e de estudos de costumes.

A *Illustração Portuguesa* inaugurará brevemente o seu salão de festas, onde organisará conferencias, concertos, exposições de pintura, de esculptura, de artes decorativas, de photographia, de gravura, de mobiliario.

A *Illustração Portuguesa* procurará auxiliar ou tomar a iniciativa de empreendimentos que concorram para o progresso das artes, para desenvolvimento da educação physica, para a diffusão do excursionismo e do sport.

A *Illustração Portuguesa* propõe-se, finalmente, a fixar e transmitir ás gerações futuras a imagem da nossa existencia contemporanea, em todos os seus campos de actividade, documentando a nossa actual vida domestica, politica litteraria, mundana e artistica, colligindo os mais numerosos subsidios para a historia dos homens e dos acontecimentos.

A *Illustração Portuguesa* custará apenas 100 réis



RIO MAIOR: Arredores — RIO MAIOR: Ponte do Açude

(Photos. do sr. Frederico Braga)

A ASIA EM CHAMMAS

ROMANCE DA INVASÃO AMARELLA

Por FÉLIEBRUGIERE e LUIZ GASTINE, TRADUÇÃO DE ALBERTO TELLES

—Confia na força brutal que dirige, e da qual se julga senhor; está convencido que são chegados os tempos da Ásia victoriosa, que nada o conterá... E, contudo, Constantinopla deve de ser o termo da sua invasão.

Mérande animara-se, e a sua palavra quente, persuasiva, causava impressão nos tres ministros que o escutavam.

—Sim, proseguiu elle, Constantinopla ha de detelo. Ainda não sei quão são os projectos de operação elaborados para oppôr á invasão. Ouvi dizer esta tarde que se falava em desembarcar exercitos na Syria para atacar do flanco a invasão, e que outros exercitos, unindo-se aos russos, desceriam na península dos Balkans. Não me cabe discutir essas vastas combinações. Digo somente que Timour não deve passar o Bosphoro, e que, se algum asiatico tal conseguir, não o tornará a passar, se chegarmos a tempo.

—E como ha de ser isso? disse o almirante Videau. São precisos quinze dias pouco mais ou menos para que as nossas tropas, unidas ás da Hespanha e da Italia, se concentrem proximo de Beyrouth e de Alepo, e outros tantos dias, pelo menos, para levar os exercitos da Europa central aos arredores de Sophia. Não convem, pelo contrario, deixar uma parte do exercito amarelo penetrar na península dos Balkans, embrenhar-se, e ficar d'esse modo dividido em duas partes, que bem poderiam ser atacadas e esmagadas sem se poderem socorrer, e que serão vencidas com tanta maior facilidade quanto cada um dos nossos agrupamentos de exercito achará menos gente contra quem combater?

—Eu pensaria como vós, senhor ministro, se não dispuzessemos dos nossos aerostatos com seus poderosos explosivos. Tereis a bondade de me permitir que desenvolva o meu pensamento?

—Falae, falae, disseram o presidente do conselho e o ministro da guerra.

—Falae, repetiu o ministro da marinha. Só desejo ser convencido, bem o sabeis, meu caro Mérande.

—O exercito amarelo não pode de modo nenhum chegar deante do Bosphoro senão... Estamos hoje a 20 de setembro. Deixei Samarkande a 13. As guardas avançadas da invasão attingiam n'esse momento Koniéh. Os caminhos de ferro estavam nas suas mãos. Em conformidade das ordens de Timour, as avançadas devem dirigir-se rapidamente ao Bosphoro, e concentrar ali todos os meios de acção necessarios para a passagem. E' mister cobrir o Bosphoro, disse Timour, com uma ponte immensa, reunir todos os barcos para atravessar o mar de Marmara, de modo que se assegure o escaamento continuado do exercito amarelo.

Calculo que esse trabalho principiara dentro de oito dias, pouco mais ou menos, e durará quinze dias pelo menos. Será protegido pela frota dos aerostatos, que fará chover sobre as defezas de Constantinopla e sobre a propria cidade o incendio e a morte. Ora, vós sabeis que Constantinopla está mal organizada. E' uma cidade de commercio e de luxo, desde que se tornou um porto e um estado neutral. Cahirá rapidamente sob o terror da invasão. E' mister, pois, socorrer-la e impedir, repito, que lá penetrem as guardas avançadas asiaticas. Para isso temos a nossa frota de aerostatos. Os de Timour, dos quaes trago talvez a Paris o melhor exemplar, são doze approximadamente, talvez tenha alguns de reserva, demos que sejam ao todo vinte. A maior parte são de modelos antigos, e em geral mal commandados, mal equipados. O chefe, todavia, inglez da nação, é experimentado e habil.

—Contra esses aerostatos é preciso lançar os nossos, e destrui-los até o ultimo. Chegara então a nossa vez de fazer cair sobre os amarelos a chuva de fogo que perturbará a sua marcha e os deterá tanto bastante para que os nossos intervenham na Ásia Menor, e ali desfaçam a invasão.

Os tres ministros olhavam para Mérande. Contudo, o ministro da marinha exclamou:

—Comprehendo o vosso plano, e parece acertado. Mas quantos aerostatos julgaes que possinmos, e não serão elles destruidos pelos seus adversarios?

—A mesma pergunta vos faço eu, senhor ministro. Quantos aerostatos temos em Franca?

—Vinte e quatro, se não me engano, sendo quatro de tipo muito moderno. Temos grande provisão de explosivos, mas talvez estejamos meos bem fornecidos de officinas e homens experimentados em manjar esses engenhos. Não os tiram nunca dos cobertos de Chalais; vivemos em paz, e os quadros que lhes são destinados só uma vez por outra fazem exercicio.

—Vinte e quatro com o meu são vinte e cinco. E' bastante.

—Mas as outras nações tambem os tem, objectou o presidente do conselho. A Italia possui dez, e a Alemanha ainda mais. A coalizão europola pode juntar os seus aerostatos no sentido indicado pelo commandante Mérande, que, pela minha parte, approvo absolutamente.

Mérande inclinou-se.



MADemoiselle CHARLOTTE

—E' certo que devemos solicitar o auxilio dos aerostatos europaeos, mas eu desejaria que os nossos partissem primeiro. O tempo urge. Se for necessario esperar os socorros estrangeiros, combater operações do conjunto, deixaremos escapar a occasião. Os nossos aerostatos podem estar no Bosphoro antes de terminados os trabalhos de passagem, e, se como espero, e tenho a certeza, elles levarem a melhor á esquadra inimiga, será detida a invasão. A entrada em linha dos nossos grandes cruzadores, dos nossos submarinos, acabará de destruir os trabalhos de passagem, enquanto os aerostatos manterão em respeito com o seu terror as ondas da invasão.

Os ministros estavam realmente impressionados com a lucidez de vistas do commandante Mérande e da importância decisiva da acção que elle expunha.

Além d'isso, Mérande era-lhes conhecido pelo seu já glorioso passado. Sabiam que podiam contar tanto com a sua resolução, coragem e presença de espirito, como com o seu valor tecnico; e não admira que o ministro da marinha exprimisse muito exactamente o pensamento commum a todos, dizendo para concluir:

—O vosso projecto parece, com effeito, excellent, mas, para se executar, requer a dedicação absoluta de um

homem de confiança, á altura de tamanha acção... Em caso de necessidade, seriais vós esse homem?

—Sim, apoiou o presidente do conselho, acceptareis a direcção dos aerostatos francezes para a execução das operações que acabaes de expôr-nos com tanta clareza?

—Certamente, respondeu logo com voz firme Paulo Mérande.

Muito bem, examinaremos de novo esse projecto amanhã pela manhã, reunidos em conselho com o presidente da república. Das nove em diante estae no Elyseu, e ficae á nossa disposição.

Separaram-se os ministros depois de terem calorosamente felicitado Mérande, dando-lhe agradecimentos. O almirante Videau reteve-o ainda por algum tempo.

—Fia-vos objecções, querido filho, disse elle, não tanto como tecnico, como para vos forçar a precisar as vossas idéas e a convencer por esse modo os meus dois collegas. Tenho confiança em vós. Julgo muito realizavel o vosso plano. Como vós, não posso admitir que esses milhares de chinezes passem dos limites da Ásia. Mas é necessario assegurar a opinião publica. A contar de amanhã daremos informações aos jornaes; prepararemos o triumpho final. Não vos deixeis entrevistar. A manhã, depois do conselho de ministros, eu vos leva-

rei a Chalais, e veremos os aerostatos. Vamos, voltas para vossa casa, é tarde, e abraças por mim vossa mãe e vossa irmã.

A saída do ministerio, Mérande consultou o relógio. Eram onze horas. Para estar mais depressa junto de sua mãe, de Carlota e Roberto, que sem duvida ainda esperavam por elle, teve por um momento a intenção de entrar n'uma carruagem; mas o tempo estava lindo, a avenida de Ségur muito próxima, e, para acalmar a sua agitação, sentia a necessidade de andar.

Estudando o passo, foi pela praça da Concorde, na direcção da camara dos deputados.

Um bello luar illuminava a immensa praça, unindo a sua claridade á dos bicos de gaz. De repente, enxorgou á direita, destacando da sombria espessura da folhagem dos Campos Elíseos, o aerostato de Timour, rodeado por uma multidão ainda muito considerável de curiosos.

Reconhecendo então que, havia mais de sete horas, tinha desapparecido completamente os seus companheiros de infortunio, quasi desatou a rir, porque pensava na situação algum tanto comica em que deveria tê-los collocado a curiosidade publicos.

Na realidade, a sua posição não era em cousa nenhuma muito penosa, pois não lhes faltavam viveres nem abrigo no aerostato... e Mérande não tinha admais nada de que se pudesse accusar a respeito d'elles, porque, afóra alguns instantes consagrados á familia, não tivera um momento de liberdade desde que puzera o pé em terra.

Accelerando o passo, dirigiu-se ao aerostato, e lá foi rompendo os grupos da multidão, não sem difficuldade.

Em toda a volta, um cordão de agentes da policia mantinha os basbaques a trinta metros, pouco mais ou menos, da barquilha. Graças ao seu uniforme, o commandante não teve embarço em passar para além do circulo. Paulino, que o reconheceu e chamou por elle, acabou de dar-lhe toda a liberdade junto da autoridade.

E para elles se encaminhava, quando um empregado civil, em que elle ainda não tinha reparado, veio ao seu encontro, saudando-o.

— Sem duvida, o commandante Mérande?

— Sou eu mesmo.

— Meu commandante, tive ordem do governo civil para adoptar as providencias necessarias para a protecção do balão e dos vossos companheiros. Esperava que voltasseis para receber as vossas ordens; estou ao vosso dispor.

— Ah! muito agradecido: a vossa intervenção tirou-me de grande embarço. Conto amanhã pela manhã levar o aerostato para Chalais, mas queria deixá-lo aqui esta noite, se, todavia, não obstrue demasiado a circulação.

— Oh! a esse respeito podeis estar descançado.

— Visto isso, a unica cousa que me preocupa é dar á minha equipagem a sua liberdade, desembaraçando-a da guarda do aerostato.

— A guarda fica a cuidado da gente que ahí tenho, se não receaes que o balão largue por si mesmo. (O bravo inspector persistia em dar ao aerostato a tradicional denominação de balão).

— Podemos obstar a qualquer incidente d'essa natureza. Vou vér se se adoptaram as disposições convenientes a esse respeito, para levar os meus companheiros.

Precauido como sempre, Paulino prevera a necessidade de entregar durante a noite o aerostato á guarda dos agentes. Tinha apertado os freios automaticos, ferrolhada as portas do torrão blindado, levantado o pedal de pôr em marcha, e, por excesso de precaução, embora ao pé do aerostato fosse sufficiente para impedir os indiscretos do o deslocarem, havia preso quatro cabos a quatro estacas solidamente metidas no solo.

— Muito bem, meu caro Paulino, vejo que mais uma vez, se por ti, te livraste de difficuldades, o que te agradeço. Agora, pois que tudo está preparado, e que a policia vigia o nosso «navio» só nos resta tomar um repouso bem ganho.

— E venham ambos commigo. Em minha casa terão uma boa ceia e duas camas, onde lhes não será desagradavel estender-se mais á vontade do que nosso aerostato.

— Obrigado, meu commandante, não é caso para rejeitar.

III

CONFIDENCIAS INTIMAS

O regresso de Mérande foi acolhido com outros transportes. Sua mãe não se cansava de o abraçar. E, como quanto a hora estivesse adiantada, toda a gente da casa estava a pé e esperava. Mas as exclamações da cozinha interromperam rapidamente as effusões da sala. A porta abriu-se de chofre, e Clementina impelliu para a luz das lampadas o nosso amigo Paulino Mérande, que a sr.^a Mérande não reconheceu á primeira vista, a tal ponto os bigodes mudavam a sua physionomia jovial e queimada.

— Entra, Paulino. Minha mãe, Carlota, aqui está o meu libertador.

— Paulino! exclamaram ao mesmo tempo a mãe e a irmã. Com o mesmo impulso foram para elle, e a sr.^a Mérande, pondo as mãos na cabeça do rude marinheiro, beijou-o em cada uma das faces, enquanto Carlota lhe apertava a mão em ambas as suas.

Paulino, rindo e chorando, balbuciava, e os servos,

parados á porta, faziam outro tanto. Clementia batia com o avental nas faces repolhadas. Mérande e Dubarral não puderam deixar de rir d'esse quadro a um tempo tocante e comico. A sr.^a Mérande agradeceu a Paulino com essas palavras que manam do coração das mães. E o bravo marinheiro cada vez se dobilhava mais em lagrimas, amarrando o boné. Mas em breve o seu natural prevaleceu.

— Não é preciso, senhora, animar-me d'esse feitio. Se o nosso commandante voltou, a Nossa Senhora de Arcação o deve. Eu é que fui um maldito, quando o deixei pela primeira vez no meio d'aquelles furiosos que nos atacavam. Então é que eu deveria tê-lo salvo. E depois...

— Calate, Paulino, disse Mérande. Tu fizeste mais que o teu dever. E agora vai descansar... e consolar a pobre da Clementia. Mas Ivan, onde é que elle está? Ivan?

— Os servos arredaram-se e abriram passagem ao gigante russo, que pesadamente se adeantou, com os olhos baixos.

— Aqui está Ivan, o ajudante de Paulino. Tem direito tambem ao vosso reconhecimento. Foi elle quem salvou Paulino, é pois o primeiro fautor do nosso salvamento.

Reuniram-se em torno de Ivan, que comprehendia muito mal o idioma francez, sabendo contudo o sufficiente para perceber os sentimentos que lhe testemunhavam.

Quando Paulino e Ivan se retiraram, Mérande voltou para junto de sua mãe.

— Vamos, minha querida mãe, é preciso descansar, já é tarde.

— Sim, meu querido filho, estou desfeita, mas tão contente! A manhã estarei em melhor estado para te ouvir e te ver. Ah! cuido que vais partir novamente... Não de precisar do teu auxilio... de ti, que vens de lá.

— Socega, mamã, e dormi sem cogitar em mais nada. Escapeli de taes perigos que a Providencia não me pôde reservar outros mais terríveis. Acompanha-me, em mesmo vou levar vos ao vosso quarto.

Roberto Dubarral e Carlota ficaram sós, mas guardaram silencio, aguardando a volta de Paulo Mérande. Apertaram as mãos, tinham o coração cheio das commoções d'essa noite.

Passados alguns minutos, chegou Mérande.

— Nossa mãe repousa, e nós poderíamos ir fazer o mesmo. Mas, se não tendes ainda vontade de dormir, querida irmã e tu, meu bom amigo, conversemos alguns instantes.

De fora não vinha ruido nenhum. E a Paris nocturna, ainda vibrante, no meio da folia do boulevard, das memoráveis incidentes d'essa dia, não podia perturbar, no fundo d'essa avenida longuinha, essas corações que a Providencia approximava em circumstancias tão dramaticas. Experimentavam a necessidade de se exporem. Paulo Mérande, sobretudo, apoz os longos mezes do seu captivismo, as angustias que tinha passado, e as commoções rapidas e multiphas que haviam precedido a sua evasão, estava satisfeito por encontrar confidencias intimas, aos quaes o seu pensamento poderia deixar escapar segredos que não fossem aquelles que o seu dever profissional lhe tinha imposto communica-se sem demora aos chefes de Estado e de exercito.

— Emfim, conta-nos por miúdo as tuas aventuras, meu querido Paulo, exclamou Carlota, em primeiro lugar; sabemos só que te levaram do lago Ebi-nor, e que fugiste de Samarkande por intervenção do bravo Paulino. O que foi que tu viste? que padeceste?

— Curiosa irmã, disse sorrindo Paulo Mérande, seriam necessarias muitas noites para te contar tudo o que me succedeu ha seis mezes. E deixei lá por esquecimento o meu diário. Deve estar agora em poder de Timour, excepto se foi queimado pelos lamas ou talvez salvo pelo nosso amigo o doutor Van Korsten. E não posso ter mais que a esperança, acrecentou com tristeza, de que este ultimo esteja vivo. Timour devia ficar furioso com a nossa evasão. Receio que da nossa missão restem apenas Paulino e eu. Vi cahir Herman desnte do mim, com a perna quebrada, no momento em que chegavamos aos aerostatos. O doutor, por um sacrificio heroico, não quiz acompanhar-nos.

— E a rapidez da ascensão do aerostato foi tão fulminante, que só a dois mil metros de altura, já em viagem, é que notei com terror que nem Nadia, nem...

Mérande deteve-se.

— Nem Bottermans estavam commosco. Que lhes aconteceu? Nadia ainda pôde dar algumas desculpas a Timour, mas Bottermans e o doutor...

Com effeito, Mérande ignorava o desenlace tragico da fuga de Nadia e de Kanyadjé. Surprehendido pela subida do aerostato que a decisão de Paulino arrancava ao perigo que vinha sobre elle, Mérande não pudera lançar um olhar para fóra. Recordava-se, todavia, que Kanyadjé subira apoz elle. Tinha entrevisto alguns segundos a sua figura branca á entrada da torrão blindada, depois havia desaparecido repentinamente no momento em que o aerostato largava. Tinha, pois, caído, talvez despedaçado. E este pensamento confrangia-lhe o coração.

Guardava silencio. Carlota e Roberto haviam-no escutado, sem comprehenderem muito embora lhes fossem familiares os nomes que elle proferia. Mas suspiravam que um tormento, uma inquietação grande, pesava sobre o espirito de seu irmão, por causa da sorte de seus companheiros, e ambos esperavam que elle continuasse a sua narrativa. Todavia, Carlota, com essa especie de adivinhação que toem as mulheres, havia nota-

do a hesitação de seu irmão e sentia que elle estava mais profundamente perturbado do que parecia.

— Esperemos, meu querido Paulo, que o barbaço Timour tenha poupado os nossos amigos e sobretudo Nadia. Não posso crer que esta haja pago tão caro o sacrificio heroico que consummu por vós. Se Timour a ama, como nos disseste, ha-de tê-la sob a sua guarda.

— Sem duvida, mas amava-o ella bastante para viver depois da partida, depois da evasão ou da morte de todos os seus companheiros da missão? Terá ido ao encontro da morte? E, contudo, ella ao principio não queria fugir. Emfim, Deus os proteja!... Mas agora tenho que cumprir um dever. E preciso que eu saiba que fim levavam elles, e que por minha vez os salve, se é que ainda vivem!

— Vais tornar a partir, não é verdade? Lá me parecia. Vens do ministerio. Pobre mãe, ella tambem pensa n'isso, na tua proxima partida.

— Sim, tornarei a partir em breve. O ministro dá-me o commando da esquadra franceza de aerostatos. Sei onde hei de topar os de Timour, por cima do Bosphoro ou de Constantinopla, e espero destruí-los a tempo de impedir a passagem do exercito amarelo.

— Ha de ser uma dura prova, disse então Roberto Dubarral, que até então estivera callado; mas quero entrar n'ella tambem. Irei ámanhã procurar o ministro para que me deixe ir commigo. Tu me darás o teu apoio, conheço os aerostatos, e é justo que os dois conhecidos não se separem em semelhante campanha; não é esta a vossa opinião, minha querida Carlota?

— Ah! vejo-me forçada, mais morta do que viva, a dar-vos a minha approvação. E estou muito contente de terdes pensado em estar junto do Paulo!

— Está combinado, não é assim, Paulo?

— E o excellente Dubarral apertou as duas mãos do irmão e da irmã.

— E como é, meu querido Paulo, proseguiu Carlota, que seguis o seu pensamento, que tu julgas destruir essa esquadra inimiga? Tremo dos perigos terríveis que se correm n'esses enghenos suspensos a centenas de metros. A queda é fatalmente mortal.

— Nem sempre com os nossos aerostatos actuaes. Era preciso fazel-os em pedaços para elles cahirem com todo o seu peso. Sabeis que fazem paraquedistas automaticos, emquanto a superficie do paraquedista está intacta. Não se corre n'elles maior risco do que nos nossos grandes cruzadores e submarinos.

— Mas responde á pergunta de Carlota, Paulo. Como é que tu julgas fazer a guerra aerea a esses patifes chinezes?

— E' o meu segredo, disse Mérande sorrindo, mas tu em breve o sabrás, se vieres commigo, e, depois, tudo dependerá das circumstancias.

— Mas para que é aventurar-te a tornar a cahir no exercito de Timour? Porque se não ha de esperar, porque se não ha de entrar na grande guerra que os europeus vão fazer aos invasores?

— Com os meus aerostatos, posso-me tornar útil em toda a parte. Vamos, Roberto, vou-te pôr na rua. E' tarde. Espera-me amanhã á porta do Eliseu depois do conselho de ministros; poderei ao almirante Videau que vras na nossa companhia a Chalais.

— Está dito. Boa noite, Paulo. Que dia de commoções! Sinto-me feliz por tua mãe, e por vós, minha querida, bem o sabeis. Mas penso que o nosso casamento fica ainda demorado! acrecentou Roberto com melancolia.

— Sim, meu caro Roberto, é preciso que a tormenta acabe; mas tenho confiança! disse Carlota apertando a mão do seu noivo.

Depois de Dubarral ter partido, Paulo aproximou-se de sua irmã, e abraçando-a com ternura:

— Não quiz dizer tudo na presença de Roberto, mas tu, tu devos sabel-o. Desejo tornar a vér Nadia, se ella ainda é viva, mas desejo tambem encontrar outra.

— Outra?...

Carlota olhava para elle com surpresa.

— Sim, ainda não te contei tudo.

— E Mérande fez a sua irmã a tocante narrativa do amor de Kanyadjé pelo seu salvador, da dedicação que elle lhe havia testemunhado, da sua fuga com elles durante o ataque dos lamas.

— E não sei ella que fim levou. Foi talvez precipitada no momento em que o aerostato largou. Permitta Deus que ella só tombasse com o abalo! Mas ella e Nadia, mortas ou vivas, tiveram de cahir nas mãos de Timour, que nos perseguiu. E tenho a alma opprimida.

— Paulo, amas Kanyadjé? disse vagarosamente Carlota.

Mérande estremeceu; mas abraçando sua irmã, sorriundo:

— Não é ciumenta, creio eu. Não posso dizer-te que amo essa creança; ella, sim, ama-me, e declarou-m'o de tal maneira que o meu coração se commoven. Mas repara que é uma rapariga da Asia, o filha de Timour. O meu unico desejo no momento actual é salva-la pela segunda vez, arranca-la, se é possível, á torrente que a arrasta... ou, se acaso é morta, dar ao seu tumulo uma derradeira homenagem. Será o premio da sua dedicação amorosa.

— Mas, se a encontrares viva?

— Aquí t'ha hei de trazer, disse Mérande, e tu decidirás do seu destino.



OS NOVOS OFFICIAES DO ESTADO MAIOR—Os ultimos tiroccionados
Tenente Figueiredo Campos—Corrêa dos Santos—João d'Almeida—Cruz e Souza—Baldino Seabra

CHRONICA ELEGANTE

Dizem os pessimistas que a quadra vai má, que esta successão de dias formosissimos cheios de luz e de sol, em pleno janeiro, é origem de gripes e outras coisas feias e que os agricultores pedem chuva para beneficiar as terras. Acreditamos piamente n'estes inconvenientes apontados, mas não podemos deixar de nos regosijar com esta esplendida primavera antecipada, que anima, vivifica e consola o espirito, ancioso pelas fulgurações, pelos perfumes e pelos calores de abril.

A população feminina e elegante da capital eunamora ás tardes pelas ruas da Baixa, invadindo os grandes *magasins* em busca de elegancias para as futuras *toilettes* de carnaval. Depois das compras impõe-se a obrigada volta pela Avenida, ainda arida e despida de galas, mas que ainda assim constitue o unico ponto de reunião *smart*, pois que o Campo Grande é um tanto afastado para um passeio pequeno, e os outros jardins não lo-gram cair em graça senão para as crianças e seu sequi-



FIG. 2

to ou então para os estrangeiros, que consideram especialmente o passeio da Estrella como um dos mais formosos e attrahentes logradouros publicos.

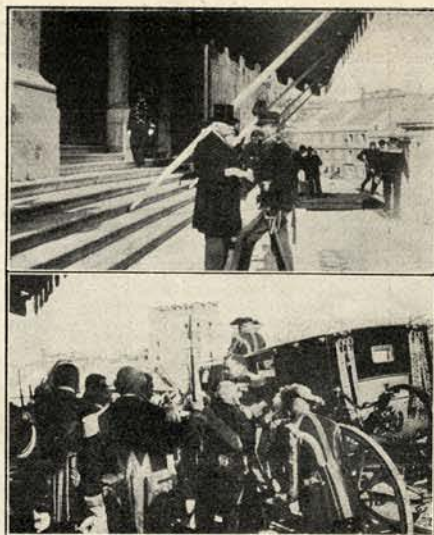
Ouvimos dizer a umas damas das mais elegantes que era agora *chic* ir ao Aterro, mas não nos foi dado ainda all encontrar as senhoras que dão o tom em Lisboa, e francamente approvamos essa desercção.

Mas, seja qual fór o local do passeio, todo elle requer *toilette* e com prazer se vê que n'este ponto Lisboa nada tem que invejar ás outras capitães.

As *toilettes tailleur* continuam a reunir todos os suffragios.

As saias, geralmente pouco guarnecidas, não toem *train*, são apenas graciosamente redondas; o *trotteur* curto ou rente ao solo reserva-se para o traje simples de manhã.

Os corpos são variadissimos; vê-se a *redingote* muito comprida, a *devi-longue*, a *jaquette* curta, o bolero, o corpo mais ou menos *buffant*, o pequeno *paletot* meio curtado, que, dizem, fará furor na proxima primavera. Não se tem vulgarizado muito o *feito Empire* para traje de passeio, a forma *Princesse* parece ter mais adeptos e quando mesmo se não adopte o vestido com-



ABERTURA DAS CORTES—Os srs. major Dias e commissario Teixeira, conferenciando sobre o serviço da policia—Chegada de SS. MM.

pletamente inteiriço, vê-se muito a saia prolongada em alto cinto *corselet* definindo perfeitamente a cintura, e encerrando uma blusa ou *chemisette* de côr clara, completando-se a *toilette* com o bolero muito curto; para *toilettes* de noite em velludo ou seda faz-se o vestido *Princesse*, que fica elegantissimo com profundo decote, mas subindo bem aos hombros, formando ali como uma estreita hombreira ou *bretelle*. O decote é em parte preenchido com rendas e d'estas tambem se fazem as mangas curtas.

FIG. 1—*Paletot* veste em peluche ou *fouffure* forrado de setim e enfeitado de renda nas mangas. Peitilho de seda clara bordado a ouro.

FIG. 2—Chapéu de cerimonia em velludo branco com pluma branca e ramo de rosas de musgo. Chapéu de passeio e visitas em feltro guarnecido de *zibeline* e plumas.

FIG. 3—*Toilette* de passeio em velludo marron, com fitas de setim da mesma côr formando folhos na saia, bolero *vague* abrido sobre *chemisette* de linho branco bordado a ouro. Collete do *guipure rebrodée* e botões artisticos na saia e bolero.



FIG. 1



FIG. 3